

NOTA DE LEITURA

ROUMEGUERE-EBERHARDT, Jacqueline. *Quand le Python se déroule*. Paris, Robert Laffont, 1988, 287 p. (Collection vécu)

Quand le Python se déroule é um relato autobiográfico de uma pesquisadora de renome internacional no campo dos estudos africanos. O interesse deste relato, cuja transparência certamente surpreenderá a muitos, reside, antes de mais nada, em desvendar a base existencial, humana, dos trabalhos desta antropóloga no domínio da história e da cultura das sociedades "bantas".

Em meados dos anos 60, no seu conhecido *Pensée et Société Africaines: Essais sur une dialectique de complémentarité antagoniste chez les Bantu du Sud-Est*¹, ela já afirmava a sua condição de pesquisadora atualizando os ensinamentos que lhe foram transmitidos na sua iniciação *Khomba* entre os *Tsonga*, e mais tarde no *Domba* com as princesas *Venda*. Esse trabalho dedicado ao estudo da "lógica-outra", a "lógica interna", ou melhor, procura analisar as sociedades negro-africanas a partir de suas próprias categorias, uma *démarche* ela mesma define como uma "sociologia do conhecimento da epistemologia africana". Nesta perspectiva poucos ousaram como ela realizar um trabalho científico onde a vivência pessoal de iniciada tem a primazia.

É o percurso singular desta pesquisadora que somos convidados a percorrer através de uma narrativa que tem no título uma das imagens mais fortes para representar o desenvolvimento pessoal: o desenrolar da Serpente. *Quand le python se déroule* é marcada por uma oscilação dos tempos, paralela à metáfora que resume a existência da sua própria autora. A escrita autobiográfica, em tom fortemente poético e nuançado, rompe-se a cada instante, deixando em suspenso o tempo atual, em busca de sentidos em outros tempos, quebrando assim a nossa expectativa de linearidade. A narrativa segue os movimentos da "dança da Serpente" (*Domba*), a grande Serpente que vomitou a criação, num

(1) ROUMEGUERE-EBERHARDT, J. *Pensée et Société Africaines: Essais sur une dialectique de complémentarité antagoniste chez les Bantu du Sud-Est*. Paris; Mouton & Co., 1963, 99 p. Reeditado em 1986 pela Publisud (Paris), na Coleção "Pensée et Société".

movimento contínuo, num vaivém oscilando entre o presente e o passado, sempre num clima de sonho-realidade, atualizando as várias identidades da autora...

O grande rio das experiências de J. Roumeguère-Eberhardt corre do seu nascimento em Elim no Transvaal, filha de missionários, seu contatos com Salvador Dali, a sua experiência de pesquisadora do C.N.R.S. (Centro Nacional de Pesquisa Científica, França) e realizadora de filmes etnológicos, passando por muitas missões de pesquisa entre as quais a busca da cidade perdida do Kalahari (capital do Grande Zimbábwe), e uma vivência de longos anos no continente africano, desemboca num profundo conhecimento das sociedades "bantas".

A escrita flui a partir do seu zimbábwe (*dzimba-a-mabgwe*: "casa de pedra"), como ela chama a sua casa no Maasai Mara (Quênia), onde ela realiza, na dimensão individual, um sonho coletivo... É deste lugar paradisíaco, às margens do Mara, que ela convida, num tom poético, os seus leitores a uma aproximação mais íntima e direta com o universo africano, como nos filmes que ela dirigiu, ao mesmo tempo em que ela desvenda o processo de construção da sua pessoa: uma antropóloga e suas múltiplas facetas.

A sua formação científica foi fortemente marcada pela influência dos ensinamentos de Georges Gurvitch, porém o seu mestre e modelo é Maurice Leenhardt. Esse missionário que compartilhou a linguagem, os sentimentos e os interesses dos "canaques" da Nova Caledônia, e cuja obra antropológica demonstra uma rara intimidade com aqueles a cujo conhecimento dedicou a sua vida.

Creio que este livro, embalado nas ondas dos sonhos e nas vagas da realidade, sempre autêntico e refinado, faz parte das contribuições desta pesquisadora ao nosso conhecimento das sociedades negro-africanas, pois a sua história pessoal está indissolúvelmente ligada ao desenvolvimento de suas pesquisas, e é através delas que amplia-se o sentido de sua própria existência. Pode-se dizer que a vida de J. Roumeguère-Eberhardt é uma trajetória iniciática desdobrada em conhecimento histórico e antropológico.

Theophilos Rifiotis
Prof. da Universidade Federal da Paraíba
Pesquisador do C.E.A/U.S.P